

RICHARD OSMAN

O Mistério
DA BALA PERDIDA



Tradução
Carmen Saraiva

 Planeta

Para a Ingrid. Estava à tua espera.

Bethany Waites sabe que agora não há como voltar atrás. É hora de ser corajosa e ver como isto tudo se desenrola.

Sente o peso da bala na sua mão.

Na vida, há que ter noção das oportunidades. Ter noção de quão raras são e, depois, estar à altura quando elas surgem.

«Venha ter comigo. Só quero conversar.» Era o que dizia o e-mail. Desde então, não tem parado de pensar nisso. Devia ir?

Uma última coisa antes de decidir: enviar uma mensagem a Mike.

Mike conhece a história que tem em mãos. Não conhece os pormenores – uma repórter tem de manter os seus segredos –, mas sabe que é algo arriscado. Ela tem o apoio dele, se precisar, mas há certas coisas que temos de fazer sozinhas.

O que quer que aconteça esta noite, ela vai ter pena de deixar para trás Mike Waghorn. Ele é um bom amigo. Um homem generoso e engraçado. É por isso que os espectadores o adoram.

Mas Bethany sonha com mais, e talvez esta seja a sua oportunidade. Uma oportunidade perigosa, mas ainda assim uma oportunidade.

Escreve a sua mensagem e pressiona «enviar». Ele não responderá esta noite, já é tarde. Talvez seja melhor assim. Ela consegue ouvir a voz dele: «Mas quem é que envia mensagens às dez da noite? Os millennials e os engates, só mesmo esses.»

Richard Osman

Vamos lá, então. Chegou a hora de Bethany girar a roda da sorte. Irá viver ou irá morrer?

Serve-se a si mesma de uma bebida e olha uma última vez para a bala. Na verdade, não tem mesmo escolha.

Um brinde às oportunidades.

PRIMEIRA PARTE

**EM CADA ESQUINA,
UMA CARA CONHECIDA**

– Não preciso de maquilhagem – diz Ron. Está sentado numa cadeira de costas direitas porque Ibrahim lhe disse que, na televisão, não podem parecer corcundas.

– Ai não? – responde a maquilhadora, Pauline Jenkins, retirando pincéis e paletas da sua mala. Ela colocou um espelho numa mesa da Sala de Puzzles. Tem uma moldura de lâmpadas, e o brilho reflete-se nos seus brincos cereja quando estes oscilam nas suas orelhas.

Ron sente um pouco a adrenalina ao rubro. Agora sim. Uma cena na televisão. Mas onde andam os outros? Tinha-lhes dito que podiam vir «se quisessem, sem *stress*», e vai ficar desgostoso se não aparecerem.

– Podem levar comigo tal e qual – diz Ron. – Esta cara foi uma conquista e conta uma história.

– De terror, se não se importa que o diga? – diz Pauline, olhando para a paleta de cores e, depois, para o rosto de Ron. Ela atira-lhe um beijo.

– Nem toda a gente tem de ser bonita – diz Ron. Os amigos sabem que a entrevista começa às quatro. Devem estar quase a chegar, não?

– Aí estamos em sintonia, querido – diz Pauline. – Não faço milagres. Mas lembro-me de si noutra época. Era jeitoso, não era, se gostarmos desse estilo?

Ron rosna.

– E eu *gosto* desse estilo; para dizer a verdade, é mesmo a minha praia. Sempre a lutar pelos direitos dos trabalhadores, não era, a fazer-se ouvir?

– Pauline abre uma base compacta. – Ainda acredita nisso tudo, não acredita? Nos trabalhadores e tal?

Os ombros de Ron descaem ligeiramente, como um touro a preparar-se para entrar na arena.

– Ainda acredito nisso? Ainda acredito na igualdade? Ainda acredito no poder do trabalho? Como se chama?

– Pauline – responde ela.

– Ainda acredito na dignidade de um dia de trabalho por uma remuneração justa, Pauline? Mais do que nunca.

Pauline anui.

– Ainda bem para si. Agora, feche a matraca por cinco minutos e deixe-me fazer o trabalho para o qual me pagam, que é relembrar aos espectadores do *South East Tonight*¹ o borracho que é.

A boca de Ron abre-se, mas, involuntariamente para ele, não saem quaisquer palavras. Pauline começa pela base sem mais demoras.

– Nossa Senhora da Agrela, vejam bem. Tem uns olhos de morrer. Como o Che Guevara, se trabalhasse nas docas.

No seu espelho, Ron consegue ver a porta da Sala de Puzzles a abrir. Joyce entra. Ele sabia que ela não iria desiludi-lo. Muito porque sabe que Mike Waghorn irá lá estar. Isto tudo foi ideia dela, verdade seja dita. Ela escolhera o ficheiro.

Ron repara que Joyce está a usar um casaco de malha novo. Não o consegue evitar.

– Disseste que não ias usar maquilhagem, Ron – diz Joyce.

– Eles obrigam-te – diz Ron. – Esta é a Pauline.

– Olá, Pauline – diz Joyce. – Está metida numa carga de trabalhos.

– Já vi pior – diz Pauline. – Costumava trabalhar na *Casualty*².

A porta abre-se de novo. Entra uma operadora de câmara, seguida de um operador de som, seguido de um vislumbre de cabelo branco, o roçar silencioso do tecido de um fato caro e o aroma masculino per-

¹ Programa de notícias de televisão regional da BBC South East. (N. da T.)

² *Casualty* é uma *soap opera* britânica exibida pela BBC One. É a série de drama no meio hospitalar há mais tempo em exibição no mundo. (N. da T.)

feito, mas ainda assim subtil, de Mike Waghorn. Ron vê Joyce a corar. Se não lhe estivessem a aplicar o corretor de manchas, reviraria os olhos.

– Bom, cá estamos, então – diz Mike, de sorriso tão branco quanto o seu cabelo. – Sou o Mike Waghorn. Eu mesmo, o único, não aceitem imitações.

– Ron Ritchie – diz Ron.

– O próprio, em carne e osso – diz Mike, apertando a mão a Ron.
– Não mudou nada, pois não? Isto é como estar num safari e ver um leão de perto, senhor Ritchie. Ele é um homem leão, não é, Pauline?

– É certamente uma coisa ou outra – concorda Pauline, aplicando pó nas bochechas de Ron.

Ron vê Mike a virar lentamente a cabeça na direção de Joyce, despindo-lhe o casaco de malha novo com os olhos.

– E quem é a senhora, se me permite a questão?

– Sou a Joyce Meadowcroft. – Praticamente faz uma vénia.

– Sem dúvida que é – diz Mike. – Então, você e o magnífico senhor Ritchie são um casal, Joyce?

– Oh, céus, não, Jesus, só de pensar, não, Nossa Senhora, não. Não – diz Joyce. – Somos amigos. Sem ofensa, Ron.

– Amigos, sem dúvida – diz Mike. – Ron cheio de sorte.

– Para de flirtar, Mike – diz Pauline. – Ninguém está interessado.

– Ai, a Joyce está interessada – diz Ron.

– Estou mesmo – diz Joyce. Para si própria, mas o suficientemente alto para se fazer ouvir.

A porta abre-se de novo e surge Ibrahim. Muito bem, menino! Só falta a Elizabeth.

– Estou atrasado?

– Chegaste mesmo a tempo – diz Joyce.

O operador de som coloca um microfone na lapela de Ron. Ron vestiu um casaco por cima da *T-shirt* do West Ham, por insistência de Joyce. É desnecessário, na opinião dele. Um sacrilégio, até. Ibrahim senta-se ao lado de Joyce e olha para Mike Waghorn.

– É muito bonito, senhor Waghorn. Uma beleza clássica.

– Obrigado – diz Mike, assentindo em concordância. – Jogo *squash*, faço hidratação e a natureza encarrega-se do resto.

– E umas mil libras de maquilhagem por semana – diz Pauline, dando os retoques finais em Ron.

– Eu também sou bonito, muitas vezes me fazem esse reparo – diz Ibrahim. – Acho que, quem sabe, se a minha vida tivesse tomado outro rumo, também poderia ter sido um pivô.

– Não sou um pivô – diz Mike. – Sou um jornalista que também apresenta as notícias.

Ibrahim assente.

– Uma mente brilhante. E com faro para as notícias.

– Bom, é para isso que aqui estou – diz Mike. – Assim que li o *e-mail*, cheirou-me a notícia. Uma nova forma de vida, comunidades de reformados, e o famoso Ron Ritchie no centro da história. Pensei: «*Yep*, os espectadores vão adorar isto.»

Tem estado tudo calmo já há algumas semanas, mas Ron está encantado por o grupo estar de volta à ação. Toda a entrevista é um estratagemma. Planeada por Joyce para atrair Mike Waghorn para Coopers Chase. Para ver se ele os conseguiria ajudar com o caso. Joyce enviou um *e-mail* a um dos produtores. Ainda assim, significa que Ron vai estar de novo na TV, e ele está muito satisfeito com isso.

– Fica para jantar depois, senhor Waghorn? – pergunta Joyce.
– Temos mesa marcada para as cinco e meia. Depois da confusão.

– Por favor, trate-me por Mike – diz Mike. – E não, lamento. Tento não socializar com as pessoas. Sabe como é, privacidade, germes, por aí fora. Compreende, certamente.

– Ah – diz Joyce. Ron vê a sua desilusão. Se houver algures em Kent ou em Sussex uma fã mais acérrima de Mike Waghorn, ele gostaria de a conhecer. Na realidade, agora que pensa nisso, não gostaria de a conhecer.

– Há sempre muito álcool – diz Ibrahim a Mike. – E calculo que lá estejam muitos fãs seus.

Mike faz uma pausa para refletir.

– E podemos contar-lhe tudo sobre o Clube do Crime das Quintas-Feiras – diz Joyce.

– O Clube do Crime das Quintas-Feiras? – diz Mike. – Parece algo inventado.

– Tudo é inventado, se pensarmos bem nisso – diz Ibrahim.
– O álcool é subsidiado, já agora. Tentaram pôr termo ao subsídio, mas houve uma reunião, trocaram-se palavras, e eles pensaram melhor. E às sete e meia estará despachado.

Mike olha para o seu relógio, depois para Pauline.

– Se calhar temos tempo para um jantar rápido?

Pauline olha para Ron.

– Também vai lá estar?

Ron olha para Joyce, que assente com convicção.

– Parece que vou, sim.

– Então, ficamos – diz Pauline.

– Ótimo, ótimo – diz Ibrahim. – Queríamos falar de um assunto consigo, Mike.

– Que é...? – pergunta Mike.

– Tudo a seu tempo – diz Ibrahim. – Não quero tirar o protagonismo ao Ron.

Mike senta-se numa cadeira em frente a Ron e começa a contar até dez. Ibrahim inclina-se na direção de Joyce.

– Está a testar o volume do microfone.

– Já tinha percebido – diz Joyce, e Ibrahim acena com a cabeça. – Obrigada por o teres convencido a ficar para jantar; nunca se sabe, não é?

– Nunca se sabe, Joyce, é verdade. Talvez vocês se casem antes de o ano terminar. E mesmo que isso não aconteça, porque temos de nos mentalizar, caso não venha a suceder, tenho a certeza de que terá imensa informação sobre a Bethany Waites.

A porta abre-se mais uma vez e Elizabeth entra. O grupo está todo reunido. Ron finge não se emocionar. Da última vez que teve um grupo de amigos assim, foram hospitalizados depois de levarem com escudos policiais antimotim na greve dos trabalhadores da gráfica de Wapping¹. Dias felizes.

¹ Distrito no Leste de Londres, no bairro de Tower Hamlets. (*N. da T.*)

– Não se incomodem comigo – diz Elizabeth. – Pareces diferente, Ron, o que é? Pareces... saudável.

Ron rosna, mas vê Pauline a sorrir. É um sorriso sensacional, para dizer a verdade. Será que Pauline é areia demais para a sua camioneta? Sessenta e muitos, um pouco jovem para ele? Quanta areia consegue ele aguentar hoje em dia? Já há muito tempo que não verifica. Seja como for, que sorriso.

Pode ser difícil gerir um bando de traficantes de droga envolvendo milhões de libras a partir de uma cela de prisão. Mas não é impossível, como Connie Johnson está a perceber.

A maioria dos guardas prisionais é conivente, e porque não seria? Ela paga-lhes dinheiro suficiente. Ainda assim, há uns quantos que não alinham e, esta semana, Connie já teve de engolir dois cartões SIM ilegais.

Os diamantes, os homicídios, o saco de cocaína. Ela foi muito habilmente tramada, e a data do seu julgamento foi agendada para daí a dois meses. Ela está animada para manter as coisas em andamento até lá.

Talvez seja condenada, talvez não, mas Connie gosta de pender para o otimismo em tudo. Conta com o sucesso, costumava dizer a mãe, embora pouco tempo depois tenha morrido, atropelada por uma carinha sem seguro.

Acima de tudo, é bom manter-se ocupada. A rotina é importante na prisão. Além disso, é importante ter algo por que ansiar, e Connie anseia matar Bogdan. É por causa dele que está aqui e, olhos azuis ou não, vai ter de morrer.

E o velho também. O que ajudou Bogdan a tramá-la. Já andou a perguntar e ele chama-se Ron Ritchie. Também tem de morrer. Vai esperar até depois do julgamento – o júri não gosta que as testemunhas sejam assassinadas –, mas depois vai matá-los a ambos.

Enquanto vê o telemóvel, Connie repara que um dos homens que trabalha no bloco prisional está no Tinder. Está a ficar careca e de pé ao lado do que parece ser um *Volvo*, ainda por cima, mas ainda assim desliza a foto para a direita, porque nunca se sabe o que poderá dar jeito. Imediatamente percebe que são um *match*. *Quelle surprise!*

Connie fez alguma pesquisa sobre Ron Ritchie. Aparentemente, era famoso, nos anos setenta e oitenta. Olha para a foto dele no seu telemóvel, o rosto de um pugilista falhado, a gritar a um megafone. Claramente um homem que apreciava ser o centro das atenções.

Que sortudo, Ron Ritchie, pensa Connie. Serás famoso de novo quando tiver tratado de ti.

Uma coisa é certa: Connie fará de tudo para permanecer na prisão o mínimo de tempo possível. E, assim que sair, o pandemónio pode começar.

Na vida, às vezes só temos de ser pacientes. Através das grades da sua janela, Connie vê o pátio da prisão e, mais além, as montanhas. Liga a sua máquina de café *Nespresso*.